

**A construção do patrimônio cultural na realidade das interações via internet com base no paradigma intersubjetivo de Habermas<sup>1</sup>**

**The construction of cultural heritage in the reality of interactions on the internet based on Habermas' intersubjective paradigm**

**La construcción del patrimonio cultural en la realidad de las interacciones de internet basado en el paradigma intersubjetivo de Habermas**

---

<sup>1</sup> Este artigo é relacionado à dissertação de mestrado “Comunicação interativa via internet com base na teoria do agir comunicativo de Habermas”, desenvolvida no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville (Univille) e defendida em 2011.

---

**Volmir Fontana<sup>2</sup>**  
**Euler Renato Westphal<sup>3</sup>**  
**Mariluci Neis Carelli<sup>4</sup>**

---

Recebido em: 30/6/2016  
Aceito para publicação em: 5/10/2016

**Resumo:** As relações sociais no mundo atual são definidas não somente pelo aprisionamento delas na objetividade do mundo, como também pelas interações, que recebem configuração de transmissão de informação ao acontecerem via internet. Essa dimensão da comunicação não caracteriza a interação necessária à formação da coletividade determinante para a construção do patrimônio cultural. Desse modo, objetivou-se estudar como o paradigma intersubjetivo de Habermas contribui para a construção do patrimônio cultural. Este é resultado da construção coletiva e tem sua expressão nas relações pensadas pelo autor, pois é formado pelas relações de alteridade entre sujeitos livres e que reconhecem a cultura e o contexto em que estão e a que pertencem suas experiências do cotidiano.

**Palavras-chave:** subjetividade e linguagem; mundo simbólico; interações via internet; patrimônio cultural.

**Abstract:** Social relations in the world nowadays are defined not only by trapping them in the objectivity of the world, but also by the interactions, that receive a configuration of transmission of information as they happen via the internet. This aspect of communication does not characterize the required interaction to build the collective key to build cultural heritage. So, this paper aimed to study how the intersubjective paradigm of Habermas contribute to the construction of cultural heritage. The cultural heritage is the result of collective construction and has its expression in relations thought by the author, because it is formed by the alterity relations between free subjects and who recognize the culture and the context in which they are and to which belong their daily experiences.

**Keywords:** subjectivity and language; symbolic world; interactions via internet; cultural heritage.

---

<sup>2</sup> Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Univille, instituição em que atua como professor de disciplinas da área de humanidades nos cursos de graduação. Também é docente concursado de Filosofia do estado de Santa Catarina.

<sup>3</sup> Doutor em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia em São Leopoldo (RS). Professor de Ética, Cultura e Sociedade e Pensamento Contemporâneo no Mestrado da Univille e professor orientador do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. Possui publicações na área de teologia, filosofia, ética e bioética. Atua como professor de Teologia Sistemática na Faculdade Luterana de Teologia, em São Bento do Sul (SC).

<sup>4</sup> Doutora em Engenharia da Produção e mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Univille nos cursos de graduação e no Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade. Coordenadora do grupo de pesquisa em cultura e sustentabilidade.

**Resumen:** Las relaciones sociales en el mundo de hoy se definen no sólo por su encarcelamiento en la objetividad del mundo, sino también por las interacciones, que reciben configuración de transmisión de información a pasar a través de internet. Ese aspecto de la comunicación no caracteriza la interacción necesaria para la construcción de la comunidad clave para la construcción del patrimonio cultural. Así que el objetivo era estudiar cómo el paradigma intersubjetivo de Habermas contribuye a la construcción del patrimonio cultural. El patrimonio cultural es el resultado de una construcción colectiva y tiene su expresión en las relaciones diseñados por el autor, ya que está formado por las relaciones de alteridad entre sujetos libres y que reconocen la cultura y el contexto que se encuentran y que pertenecen a sus experiencias cotidianas.

**Palabras clave:** la subjetividad y el lenguaje; mundo simbólico; interacciones a través de Internet; patrimonio cultural.

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é examinar como o paradigma intersubjetivo de Habermas contribui para a construção do patrimônio cultural na realidade das relações via internet – intenção advinda da participação dos autores em estudos relacionados ao patrimônio cultural. Observou-se a pertinência da liberdade e da alteridade para a construção de relações consistentes perante as relações mediadas pela internet e permeadas pelo interesse do mercado.

A internet propicia abertura para as interações sociais, entretanto a transmissão de informações e o distanciamento entre os usuários e deles com a realidade dificultam as interações significativas para a construção de bens culturais.

Com base na problemática das interações na realidade atual, atingiu-se o seguinte questionamento: por que o paradigma intersubjetivo de Habermas contribui para a construção do patrimônio cultural numa realidade de interações via internet?

A princípio, buscaram-se argumentos na interpretação da noção de intersubjetividade de Habermas (1996; 2002), a qual tem no sujeito livre o alicerce para a comunicação interativa. O autor concebe tais relações inseridas no contexto cultural dos participantes da comunicação, que por sua vez ganham consistência ao ultrapassar a dimensão da transmissão de informação vinculada ao interesse próprio, o qual é observado nas relações determinadas por quem tem mais poder coercitivo.

Trata-se, então, das relações que partem do contexto dos participantes das interações comunicativas. Estas, entretanto, são interações que, como diz Habermas (2002), emergem das vivências e das emoções de cada um desses sujeitos, bem como proporcionam o respeito pelo outro e, conseqüentemente, as relações compartilhadas entre os participantes da comunicação.

São interações com características também presentes na teoria de Lévinas (1993) ao tratar da alteridade: o afeto com o outro e com o mundo acontece na integração do indivíduo com a totalidade<sup>5</sup>, interação em que o sujeito se principia na construção da coletividade. Assim, o sujeito tem a capacidade de entendimento com base na cultura já construída e é respeitado em suas diferenças.

Nesse sentido, as interações expressam a passagem do paradigma da consciência do pensamento moderno marcado pelo sujeito solipsista para o paradigma intersubjetivo, construção que requer dos participantes não somente a tradição cultural, como também a experiência, a liberdade e a criatividade de cada um deles.

<sup>5</sup> Lévinas (1993) apresenta a relação como aquilo que inclui a presença na totalidade da relação, ou seja, é a relação face a face, que acontece em local em que outros seres influem direta ou indiretamente.

Não diz respeito, por exemplo, apenas às relações que conduzem à construção da memória marcada por registros de interesse de somente uma das partes da relação; ambos os lados têm o poder de compartilhar e, em razão disso, conseguem acessar o significado coletivo. Por isso, um reconhecido estudioso da atualidade, Ulpiano Bezerra de Meneses (2007), ao pesquisar entre outros temas a questão do patrimônio material e imaterial, reconhece que a memória caracterizada pela imaginação nas experiências que cada indivíduo adquiriu resultará na produção de significados.

Logo, além da presença do outro, o indivíduo ganha a possibilidade de ser instigado pelo mundo que o circunda e é elevado na consideração de sua capacidade representativa, memorativa e imaginativa ao recordar e significar por meio do que se apresenta na concretude do mundo e das representações que o constituem.

Assim, ao serem identificadas, as interações via internet são da dimensão de transmissão de informação (LÉVY, 1993). Pela crítica com base nas relações intersubjetivas de Habermas fundamentadas na liberdade e na alteridade, os sujeitos conseguiriam extrapolar a dimensão da transmissão. Tais sujeitos, em alguns aspectos, segundo Meneses (2007), se assemelham ao indivíduo produtor de significados, que por sua vez usa a memória associada a suas experiências e imaginação. Desse modo, o indivíduo não seria mero reprodutor de informações, porém indivíduo-sujeito que, mediante a sua criatividade, instigada pela imaginação, se protege da institucionalização e do poder e interpreta e transforma as informações por intermédio de suas vivências e emoções.

Por fim, a concepção de interação aqui estudada encontra meios de defender-se das interpretações submetidas à dominação, como é o caso daquelas intermediadas pelas tecnologias ou pelos monitores, ao abordar o significado atribuído a um bem enquanto patrimônio material ou imaterial (CHOAY, 2006).

## AS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS DE ALTERIDADE COM BASE EM HABERMAS

A abordagem discursiva e intersubjetivista de Habermas (1990; 1996; 2002) considera o sujeito, o entendimento mútuo e a alteridade. Essas relações, além de viabilizarem uma crítica às interações via internet com interesse nas finalidades mercadológicas, são fundamentais para a construção das relações sociais.

A defesa das relações intersubjetivas de respeito ao diferente e o combate à reprodução e imposição do sistema também estão presentes em Sidekum (2006, p. 104): “A alteridade é uma arma de resistência contra a ‘mesmice sistêmica’”. O autor vê a alteridade como espaço para o diferente. E de onde irromperia a novidade para a construção cultural senão de uma relação entre os diferentes? Nesse sentido, Sidekum (2006, p. 111) ajuda-nos a entender a alteridade, constituidora das relações intersubjetivas e necessária à construção cultural, ao afirmar: “Quando fazemos referência à cultura, queremos pensar em termos de adaptação e de aprendizagem e, portanto, pensar dinamicamente nas possibilidades humanas”.

Trata-se de uma concepção de alteridade construída por sujeitos. Os participantes de uma relação não apenas reproduzem, mas manifestam suas diferentes interpretações sobre questões variadas. Essas interpretações emergem, segundo Habermas (1996), dos desejos, dos sentimentos e das intenções do sujeito. Entretanto, para a constituição da identidade na concepção intersubjetivista em Habermas (1990; 1996; 2002), além da construção do sujeito que deve buscar a relação com o outro, verifica-se a importância da experiência e da racionalidade nos *atos de fala livres*<sup>6</sup>. Nesse sentido, a subjetividade separada do mundo natural e social não consegue situar-se na coletividade nem despertar confiança. Devem

<sup>6</sup> Referem-se à expressão em relação ao mundo objetivo, social e subjetivo com a livre manifestação dos interlocutores.

acontecer os momentos de esclarecimento e de divergência, assim como aqueles que partem da coletividade e da individualidade.

Em tal perspectiva, a ação comunicativa de Habermas (1990; 1996; 2002) dá consistência às relações intersubjetivas, pois a relação se inicia pela comunicação. Esta, realizada por sujeitos, considera o ser humano não apenas como objeto externo. Por isso, é um tipo de comunicação no qual Habermas (2002) defende a ideia de que cada um dos participantes tem a possibilidade de captar melhor as especificidades das interações humanas ao considerar suas vivências e emoções e não apenas a transmissão de informações, com interesse imposto por uma das partes da comunicação.

Assim, concebe-se o uso da linguagem que leva em conta as diferentes experiências dos indivíduos, os quais têm condições de dissenso para chegar à construção do entendimento e da coletividade. Desse modo, nas relações sociais com essas características acontecem os compromissos, os acertos e as dúvidas em decorrência das atividades humanas no mundo. A relação é interação que se baseia na comunicação estruturada, no pensar e no agir, porque é cultural.

Já na comunicação mediada pela internet há a possibilidade da interação, no entanto é a razão movida pela economia que estreita o papel desse tipo de comunicação. O poder do mercado impõe relações de transmissão de informações. Assim, a comunicação presente nas relações via internet forçada pelo mercado impede o compartilhamento e o entendimento linguístico entre os sujeitos, diferentemente daquela que, segundo Habermas (2002, p. 71), promove o uso da linguagem “como fonte de integração social”. Por conseguinte, esse tipo de comunicação defendido pelo autor contribui para o consenso necessário à construção da linguagem como patrimônio universal da humanidade, do qual ninguém é dono; logo, é um bem público.

Então, a linguagem carrega a normatividade e os valores construídos pelo processo dialético entre cultura e alteridade. Por isso, a validade das proposições dos atores na comunicação tem referência no mundo simbólico da linguagem, e nela mesma se encontram respeito e cooperação às individualidades. Dessa forma, possibilita-se a abertura da construção cultural no sentido defendido por Sidekum (2006, p. 114): “Pelo reconhecimento da alteridade do outro se desenvolvem sempre relações mais novas, relações sociais na construção e no aperfeiçoamento de elementos culturais”. Abre-se espaço para o diferente nas relações sociais, as quais contribuem para o processo de humanização diante da contracultura, armada pela força dos meios de comunicação, com seus usos orientados pelo mercado.

Essas manifestações têm a possibilidade de ser entendidas nas relações comunicacionais ao considerar-se que, para Habermas (1990; 1996; 2002), os participantes da comunicação dialogam e se entendem por intermédio do *mundo da vida*<sup>7</sup>. Na interpretação de Boufleuer (2001, p. 15), o entendimento acontece com base numa razão que reproduz a sociedade não exclusivamente mediante o mundo dos sistemas, mas por meio “da reprodução simbólica do mundo da vida”. Já a razão instrumental “tem seu legítimo campo de atuação nos processos de controle e de manipulação que servem à reprodução do substrato material do mundo da vida” (BOUFLEUER, 2001, p. 15). Observa-se que a razão comunicativa não ocorre fora da funcionalidade sistêmica nem da materialidade, contudo não resultaria na integração social se não levasse em conta a estrutura simbólica do mundo da vida. Neste, não somente as experiências de cada indivíduo constituem a convivência, como também uma força coletiva prévia da cultura e a força coletiva proveniente das relações espontâneas e de maior proximidade, construídas no mundo da vida dos atores sociais.

<sup>7</sup> Na concepção de Habermas (1996), o mundo da vida é constituído pelas representações e experiências dos atores sociais inseridos num mesmo contexto cultural.

Por consequência, na interpretação de Gallina<sup>8</sup> (2006), as relações intersubjetivas defendidas por Habermas (1990; 1996; 2002) resultam da ação comunicativa. Assim, uma ação comunicativa “permite a constituição, revisão e manutenção dos processos de interação social, os quais se dão mediante o estabelecimento e a crítica dos valores, das normas e das sanções que orientam no convívio social” (GALLINA, 2006).

Trata-se de interações sociais que consideram o indivíduo e seus mundos subjetivos e objetivos, dos quais a memória histórica necessita para ser construída. A construção dessa memória envolve a relação de alteridade, bem como o respeito à liberdade e às experiências do passado e do convívio do presente dos participantes da relação.

Por isso, a imaginação tem seu espaço nas relações intersubjetivas, nas quais é identificada como aquela que tem relação com a memória e é determinante na criação de significados. Meneses (2007) salienta que a memória também cria significados, pois a imaginação está em relação direta com as experiências que o homem acumula. A visão da imaginação não pode existir separada da memória. Esta tem uma história, a qual se constitui na coletividade. A memória forma-se na coletividade (recordação da convivência do passado histórico) para a coletividade (convivência no presente da realidade social). Segundo Meneses (2007), se a memória é histórica, ela não é abstrata, e a significação por ela atribuída refere-se tanto às experiências do passado quanto às do presente. Consequentemente, a memória não pode ser concebida como “um dado que tivesse significação em si” (MENESES, 2007, p. 18).

Se a memória é histórica e, portanto, está em contínua transformação, tem relação com a imaginação. No entendimento de Meneses (2007, p. 17), na memória, como experiência acumulada, a imaginação “se apóia e dispõe seus dados em novas e novas combinações”. A imaginação, dessa maneira tratada, pode ser associada ao mundo subjetivo da ação comunicativa de Habermas (1990; 1996; 2002), pois cada sujeito tem a possibilidade de expressar suas vivências, seus sentimentos, suas emoções, sua liberdade e sua criatividade.

Na interpretação de Boufleuer (2001, p. 37), a parte performativa da linguagem “estabelece um tipo de intersubjetividade que situa a expressão linguística num determinado contexto ou situação social e que expressa o uso comunicativo da linguagem”. Os atores comunicam-se na condição de seres históricos e culturais. Eles, portanto, interagem com a mediação da linguagem usada para o compartilhamento entre sujeitos com suas diferentes experiências e intenções, que são resultado da memória enquanto construção individual e coletiva. De acordo com Meneses (2007, p. 16), o ser humano constrói-se por meio da capacidade da abstração, da articulação, da memória, da imaginação, bem como da linguagem, a qual permite “a socialização das experiências individuais”. Observa-se que, além do âmbito coletivo, Meneses (2007) sinaliza o âmbito individual no processo de construção do ser humano ao atribuir à memória a base para que a imaginação crie significados.

Por isso é oportuno dizer que a imaginação é impulsionada pelas necessidades individuais e coletivas da existência do presente e viabiliza o ser humano a alcançá-las. Nesse sentido, Lévinas (1993, p. 47) afirma: “Há uma nobreza muito grande na energia que se liberta da concreção do presente”. O autor segue com a ilustração: “Um homem, na prisão, continua a crer num futuro não revelado e convida a trabalhar no presente, para as mais distantes coisas, às quais o presente é irrecusável e desmentido” (LÉVINAS, 1993, p. 47).

Vale mencionar Eagleton (2010), quando o renomado estudioso da cultura confirma a relevância da imaginação na busca da expansão das experiências individuais para as coletivas. Essas experiências coletivas, para o autor, ocorreriam na passagem para o simbólico

<sup>8</sup> Doutor em Filosofia e professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), sua área de análise é a linguagem e a justificação, e ele atua na área de epistemologia.

como construção comum, com suas normas e seus valores, embora tal passagem só seja possível com a participação dos sujeitos compartilhando significados.

Conforme a ideia de Eagleton (2010, p. 209), o sujeito tem alojado um corpo estranho (real) dentro de si, desejo puro, “pretexto para movimentar a trama, o curinga do baralho, o puro metassinal ou elemento vazio de qualquer sistema semiótico cuja função seja indicar a verdade de que ele não pode ser totalizado”. De certa forma, o real pode ser entendido como o espaço do mundo simbólico em Habermas (1990; 1996; 2002), já que ali o sujeito encontra a liberdade nas relações intersubjetivas. No entanto Eagleton (2010, p. 209) garante que o real não pode ser totalmente representado nessa ordem simbólica, na qual “o vazio é a precondição do funcionamento eficaz da ordem”. Logo, o teórico atinge uma concepção profunda de sujeito, a ponto de dizer que o real alojado no sujeito é impenetrável, no sentido de que vai além da linguagem e resiste a ser simbolizado; por isso o real é espaço aberto e protegido para que cada indivíduo possa manifestar suas diferenças e com base nelas construa uma ordem simbólica. Desse modo, observa-se a determinação da concepção de sujeito livre e respeitado em suas diferenças.

Há, assim, um avanço do ser humano como um ser de relação. Ele reproduz a cultura e seus patrimônios culturais, assim como os constrói por poder alcançar a dimensão de sujeito nas suas relações sociais. Haveria, destarte, a possibilidade de analisar as relações mediadas e padronizadas pelas tecnologias da informação e da comunicação (TICs), de forma a defender a necessidade das interações que se aproximam da convivência, a qual representa as pessoas em um relacionamento face a face como sujeitos nos seus contextos e em situações de vida, reproduzindo e construindo cultura.

## O PARADIGMA INTERSUBJETIVO DE HABERMAS COMO BASE DA CONSTRUÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NA REALIDADE DAS INTERAÇÕES VIA INTERNET

A comunicação para a informação não é suficiente para que haja interação entre os participantes da comunicação. Por isso, segundo Habermas (2002), precisa-se daquele sujeito que combina e recombina as experiências individuais entre elas e com as experiências coletivas. O sujeito, por intermédio do uso da memória construída em meio ao contexto cultural e da liberdade que eleva a proposições sem interesses predeterminados, sinaliza uma expressão de criatividade no desenvolvimento da ação comunicativa. Os sujeitos livres propõem algo sem um fim definido e que deve ser dialogado para que tenha a possibilidade de sair do interesse individual para alcançar o entendimento e o consenso. É diferente quando as relações acontecem pelo simbólico da internet construído com base no sistema capitalista movido e determinado pela economia. Numa interpretação fundamentada em Habermas (1996), o que predominaria seria a interação estratégica. Ou seja, a liberdade de manifestação do interlocutor é enfraquecida e há interesse próprio, o qual é disseminado pela força do poder, sem ter necessariamente o retorno do receptor.

Em decorrência do poder do mercado, a internet, mesmo sendo vista por Lévy (1999) como um meio de comunicação todos-todos, distinto dos meios de comunicação tradicionais, caracterizados pelo autor como um-todos<sup>9</sup>, serve como disseminadora e é comandada pelas grandes corporações, as quais acabam informando o que é de seu interesse.

Sendo assim, as interações via internet permanecem na dimensão da troca e da compreensão de mensagens cuja origem está no interesse do mercado. Elas se dão na

<sup>9</sup> Lévy (1999) caracteriza como meios de comunicação um centro emissor que dissemina as mensagens às massas.

abrangência da grande rede da internet de forma descontextualizada<sup>10</sup> e ferem a fundamental relação entre o intelecto e as experiências da realidade. O desconhecido e a confusão apresentam-se no ciberespaço.

São muitas as conexões e interconexões e elas aumentam continuamente. Nesse contexto de interações, Lévy (1999, p. 120) afiança “que o sentido global encontra-se cada vez menos perceptível, cada vez mais difícil de circunscrever, de fechar, de dominar”.

O teórico não é contra a importância da coletividade abrangente, ou das singularidades. Ele interpreta a universalidade construída no ciberespaço como aquela que precisa dos atores sociais. Estes têm a possibilidade de conexão e interconexão e de colaborar com a *inteligência coletiva*<sup>11</sup>. Nesses atores a autonomia e a abertura para a alteridade movem as interações para um verdadeiro programa político ou cultural (LÉVY, 1999). Isso seria para Habermas (2002) a abertura do espaço do sujeito numa relação de respeito e responsabilidade para com o espaço do outro. Destarte, Lévy (1993, p. 174) alerta que as tecnologias intelectuais impactam seus usuários, todavia é com os

elementos de fora interiorizados, subjetivados, metaforizados pelo hábito ou a imaginação, que criamos novas entidades audíveis ou visíveis, concretudes duráveis ou acontecimentos fugazes, que talvez outros ou nós mesmos interiorizaremos novamente.

Lévy (1993) parte do princípio de que a construção do sujeito está fundamentada nos rizomas de Deleuze e Guattari (1995), ao caracterizarem um rizoma como um sistema aberto, irregular, sem hierarquia, sem começo nem fim, sem abertura para o que se conecta, portanto sem continuidade linear de conexão e sem definição sobre os seres e a separação entre eles no mundo; um sistema em que todos os seres são atores e que, por conseguinte, expressa a multiplicidade, e não a unidade. Por isso, segundo Lévy (1993), o espaço dos atores da grande rede de conexões e interconexões tem características dos rizomas, pois ele é a abertura necessária ao desenvolvimento das faculdades da percepção, imaginação e operação. Trata-se de um espaço em que não há “distinções estabelecidas entre coisas e pessoas, sujeitos pensantes e objetos pensados, inerte e vivo” (LÉVY, 1993, p. 137). Vê-se, assim, a possibilidade de expressão do sujeito como espaço de liberdade e criatividade em meio à multiplicidade dos seres e à possibilidade das contínuas mudanças extraídas do mundo amplo da diversidade propiciado pela internet.

Vale notar a contribuição de Habermas (1996, p. 9), que aborda a grande coletividade na pragmática universal, porque esta tem a função de “identificar e reconstruir as condições universais de possível compreensão mútua”. Por isso, na pragmática universal há competência comunicativa<sup>12</sup>, “independentemente da língua a que as frases possam pertencer e dos contextos em que as expressões possam estar inseridas” (HABERMAS, 1996, p. 47). Concebe-se a coletividade mediante uma comunicação capaz de transmitir “por frases

<sup>10</sup> Muitas interações via internet acontecem em desconexão com as práticas cotidianas, dificultando o esclarecimento sobre certos conteúdos tratados nas interações.

<sup>11</sup> Segundo Lévy (1999, p. 132), “seria o modo de realização da humanidade que a rede digital universal felizmente favorece, sem que saibamos a priori em direção a quais resultados tendem as organizações que colocam em sinergia seus recursos intelectuais”.

<sup>12</sup> Para Habermas (1996, p. 50), a competência comunicativa é “a capacidade de um falante orientada para o entendimento, de forma a poder conceber uma frase corretamente formulada em relação com a realidade”.

toda uma realidade, de forma que estas possam assumir as funções pragmáticas gerais de representação, expressão e estabelecimento de relações interpessoais” (HABERMAS, 1996, p. 55). O autor acredita que há validade das proposições por qualquer falante e ouvinte que tenha competência comunicativa. Ou seja, na pragmática universal a frase idealizada pela linguística e de acesso geral carrega significado quando o falante a expressa e o ouvinte consegue compreendê-la e adequá-la à situação em que os atores estão inseridos. Com isso, observa-se que o autor, além de considerar a componente proposicional dos atos de fala, leva em conta a componente performativa deles.

Ao generalizar o significado proposicional para qualquer ato de fala, os participantes da comunicação incorreriam no apriorismo que percebe o sujeito como aquele que já se apresenta com conceitos anteriores às experiências no mundo – anteriores às suas ações e relações com o mundo objetivo e o mundo social. A cultura, com suas normas e seus valores, demonstra isso quando é construída por meio das relações intersubjetivas, ou seja, relações que se referem às coisas do mundo. Todavia essas coisas referidas na comunicação também passam pelo crivo de um relacionamento humano. Em tais relações a humanização é despertada, e desse modo se transpõem particularidades em função da exigência de um bem maior, universal, para um cuidado maior, que proteja o homem em âmbito global – um cuidado que humaniza, porque tem relação com os valores humanizadores universais da cultura.

Nessa perspectiva, as interações, mesmo descontextualizadas, partilham de uma coletividade abrangente, compreendida pelos atores sociais por proposições que, de acordo com Habermas (1996), atendem às intenções do falante, à realidade do que se está dizendo e à normatividade legítima. As proposições que se fazem compreendidas por qualquer pessoa não são puramente abstrações desconectadas de um consenso ou mesmo de um ideal que orienta os indivíduos a conviverem em contextos diferentes.

O sentido existente nessa coletividade global transcende qualquer contexto ou situação, pois possibilita a convivência de qualquer pessoa que tenha competência comunicativa e seja capaz de expressar o que a coletividade tem como verdade, acerto e sinceridade, oriundos de necessidades reais do ser humano e que continuam racionalmente aprovados perante o contexto ou a situação da comunicação.

Logo, os usuários da internet, com competência comunicativa, mesmo que participem de uma ampla coletividade, conseguirão construir relações sociais porque são sujeitos capazes de dar continuidade a suas relações com a realidade, pois ser sujeito é carregar fortes experiências e sensibilizações com o mundo. Afinal, o elo que o sujeito cria com mundo é marcante, por conta da diversificação de seres e aspectos que fazem parte da experiência, aproximando-se da concepção de Lévinas (1993), ao considerar a totalidade da presença do ser entre os outros seres do mundo, e também pelo fato de reconhecer-se como ser significativo porque é atual, no sentido concebido por Buber (2001), ao tratar de uma relação que vê o homem na sua existência (tempo presente).

Nesse tipo de relação, assegura-se que, além de os participantes poderem ser promovidos em suas diferenças, são também vinculados à realidade pelas suas experiências cotidianas inerentes aos seus contextos de vida. Assim, os participantes não estarão facilmente submetidos ao poder intermediado pela tecnologia. Terão mais conhecimento da realidade para avaliar as informações provenientes tanto de atores mais próximos como dos mais distantes na grande rede de conexões e interconexões.

Porém o mundo das relações no mundo amplo das TICs continua submetido à padronização do mercado, que determina e padroniza a cultura, prejudicando a força de interpretação que emerge da interioridade do indivíduo. Conforme afiança Choay (2006, p. 211): “A cultura perde seu caráter de realização pessoal, torna-se empresa e logo indústria”.

Mediante o poder do mercado no contexto das TICs, a relação direta entre as obras de museus e os visitantes é dificultada pela intermediação das visitas virtuais. A experiência

estética que o visitante tem com relação à obra exige de sua presença uma maneira de despertar a imaginação, bem como o diálogo, tal qual já mencionado, no sentido de que a fruição da obra acontece por meio da palavra como apresentação do ser ontológico. A palavra assim concebida remete-nos à linguagem como aquela construída comunicativamente e, portanto, serve de referência na experiência estética. Choay (2006, p. 231) assegura: “Tal diálogo foi negado a um público que, em geral, não adquiriu por si mesmo essa linguagem e essas referências, que é iniciado por animadores e ‘engenheiros culturais’, muitas vezes não especialistas”. Essa é uma crítica ao poder da indústria cultural, a qual impõe a seu gosto os significados das obras exibidas aos visitantes.

Observam-se tanto uma crítica à força do mercado em relação ao indivíduo como a abertura para a invenção individual na fruição da obra em Choay (2006). No mesmo sentido, Meneses (2007) defende a importância da subjetividade misturada à objetividade – existe a significação possibilitada pela imaginação do indivíduo inserido na coletividade na construção de um bem cultural.

Por isso, a faculdade da imaginação integrada à percepção e ao fazer no mundo das novas TICs, na análise de Lévy (1993), faz-se importante. Outrossim, a imaginação cabe também à dimensão individual. Logo, verifica-se a contribuição da concepção de sujeito que não pode perder o vínculo com o real, este visto como desejo puro, desconhecido, contrassenso (LACAN *apud* EAGLETON, 2010); como aquele que não pode dispersar-se do encontro, na teoria de Buber (2001); e aquele que se constrói na relação como espaço do outro na unidade eu-tu (LÉVINAS, 1993).

Portanto, essas concepções de sujeito contribuem para a análise crítica das interações na realidade das novas TICs, para esclarecer as relações intersubjetivas em Habermas (1990; 1996; 2002) e para auxiliar na construção do patrimônio cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das relações sociais no contexto das interações via internet e do poder do mercado, realizada com base no paradigma intersubjetivo de Habermas (1990; 1996; 2002), pode contribuir para a concepção de construção do patrimônio cultural.

Observa-se que as relações intersubjetivas com o espaço para o outro são pertinentes à construção de atores sociais capazes de refletir como sujeitos que usam a imaginação integrada à memória, capacidade oriunda do ser humano de recordar os dados que a história e a cultura propiciam e de fazer uso da linguagem, como descrito em Habermas (1996). Para o autor, o uso comunicativo da linguagem considera a parte proposicional, conteúdo que permite o entendimento sobre algo no mundo entre os falantes, e a parte performativa, o sentido em que o conteúdo é empregado.

A utilização da linguagem, como verificado nas interações via internet, acontece sob o aspecto da parte proposicional, pois ela trata de uma relação que anuncia o entendimento a respeito de algo no mundo. Logo, a relação é pouco construída pelo aspecto intersubjetivo e muito submetida aos fatores objetivos, aqueles limitados à transmissão de algo do mundo. Estes, para Habermas (1990; 1996; 2002), descaracterizam-se da mediação do mundo simbólico, constituído de normas e valores construídos intersubjetivamente.

As interações via internet, submetidas ao poder do mercado, apresentam, de acordo com Lévy (1999), desconexão entre o virtual e o território que subjuga os atores sociais à reprodução do sistema um-todos das mídias de massa. A memória infinita da cibercultura é uma expressão importante da coletividade global, na concepção de Lévy (1999, p. 148), porque “é praticamente infinita, em fluxo, transbordante, alimentada a cada segundo”. Entretanto, de acordo com Habermas (2002), o eu edifica-se no convívio com os outros,

nas interações mediadas pela linguagem. Desse modo, a constituição da memória, seja ela a exteriorizada (ciberespaço), seja a memória humana, dá-se por meio da relação entre os atores sociais – sujeitos que emergem nas relações intersubjetivas.

Assim, as relações intersubjetivas em Habermas (1990; 1996; 2002) são aquelas que contemplam a subjetividade numa relação de alteridade. Por isso, contribuem com a construção do patrimônio cultural na realidade das TICs e de uma coletividade ampla, contudo significativa quando consideradas as relações que atingem a dimensão da existência do ser humano no mundo. As relações sociais concebidas com base na cultura – valores de forma efetiva – são abertas à constituição da coletividade, tanto local como global, pois a liberdade do sujeito, seu contexto de vida e sua capacidade de entender o sentido do que pensa, fala e faz possibilitam representações que se dirigem à universalidade.

Com esse modelo, contribui-se para a reflexão de práticas de interações que, segundo Lévy (1993), reconhecem o sujeito como aquele que desenvolve sua capacidade de reinterpretar com base nas representações culturais e no contexto de convivência em uma realidade de interações amplas, de grande quantidade e velocidade. Essa realidade, de acordo com Deleuze e Guattari (1995), é a do rizoma, ou seja, uma rede em que variam a todo momento e por pouco tempo, de um nó<sup>13</sup> para outro, a atenção e o destaque, sem perder a conexão ou a interconexão com os outros nem a capacidade de imaginar para combinar e recombinar dados. Portanto, uma rede complexa de interações via internet abre-se à convivência dos atores sociais. E verifica-se que o pilar da construção deles tem a contribuição de Habermas (1996), ao conceber a comunicação interativa que leva em conta o mundo subjetivo, o mundo social e o mundo objetivo. Os sujeitos assim concebidos são capazes de participar de maneira reflexiva das relações sociais para a construção do patrimônio cultural no contexto das interações via internet.

## REFERÊNCIAS

- BOUFLEUER, J. P. **Pedagogia da ação comunicativa**: uma leitura de Habermas. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.
- BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: 34, 1995. v. 1.
- EAGLETON, T. **O problema dos desconhecidos**: um estudo da ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- GALLINA, A. L. Linguagem e intersubjetividade. In: TREVISAN, A. L.; TOMAZETTI, E. M. (Orgs.). **Cultura e alteridade**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.
- HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Pensamento pós-metafísico**: estudos filosóficos. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

<sup>13</sup> Pontos que sobressaem alternadamente na rede concebida como rizoma.

\_\_\_\_\_. **Racionalidade e comunicação**. São Paulo: Edições 70, 1996.

LÉVINAS, E. **Humanismo do outro homem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

MENESES, U. B. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, D. S. (Org.). **Memória e cultura**: importância da memória na formação da cultura humana. São Paulo: Edições Sesc, 2007.

SIDEKUM, A. Cultura e alteridade. In: TREVISAN, A. L.; TOMAZETTI, E. M. (Orgs.). **Cultura e alteridade**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.